

MAI/JUN/1987 - Nº 3

# Ministério

Uma Revista Para Pastores e Obreiros

Adventista



**UM SEMINÁRIO EM MISSÃO**

**Anabatistas: Reformadores dos Reformadores**

## ARTIGOS

**3** CRISTO E A EXPRESSÃO  
"FILHO DO HOMEM"  
*Almir A. da Fonseca*

**6** UM SEMINÁRIO EM MISSÃO  
*Enrique Becerra*

**11** ANABATISTAS: REFORMADORES DOS  
REFORMADORES  
*Richard Müller*

**14** NASCIDOS PARA TRIUNFAR

**Gerente Geral:** Carlos Magalhães Borda; **Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa; **Editor:** Almir A. Fonseca; **Diretor de Arte:** Paulo S. Gusmão; **Programador Visual:** Cláudio Sampaio de Oliveira; **Capa:** PMS; **Colaborador Especial:** Daniel Belvedere; **Colaboradores:** João Wolff, Severino Bezerra, Pável Moura, Luís Nunes, Jefte de Carvalho.

Todo artigo ou qualquer correspondência para a revista O MINISTÉRIO ADVENTISTA devem ser enviados para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600 - 70279 - Brasília, DF. Editado bimestralmente pela CASA PUBLICADORA BRASILEIRA. Rodovia SP 127 - km 106 - Caixa Postal 34 - 18270 - Tatui, SP.



# Cristo e a Expressão “Filho do Homem”

**A**o lermos o Novo Testamento, particularmente os Evangelhos, por certo já ficamos matutando a respeito de uma expressão que lhes aparece freqüentemente nas páginas. Volta e meia está ela embutida em um versículo, valorizando um conceito, dando força a uma declaração, identificando a autoria de um texto, levando confiança a algum ser humano, envolvendo de esperança uma promessa.

Refiro-me à expressão “Filho do homem”, usada cerca de oitenta e sete vezes, trinta e uma das quais só no Evangelho Segundo São Mateus. Dos livros do Novo Testamento que a mencionam, o de Atos é o que menos alusões faz, isto é, uma única vez, ficando as restantes por conta dos quatro Evangelhos e do Apocalipse, este com pelo menos duas vezes.

Uma vez que essa expressão figura tão amiúde na parte citada das Escrituras, acabamos desejando saber mais a seu respeito. Provavelmente, quando foi usada pela primeira vez, que significado teria; se foi Jesus a única pessoa a utilizá-la, e coisas dessa natureza.

## “QUEM É ESSE FILHO DO HOMEM?”

Na verdade, a curiosidade em querer saber quem é o Filho do homem não é um interesse das pessoas que vivem neste século, apenas; os próprios contemporâneos de Jesus manifestaram também o desejo de saber mais com respeito à pessoa que Se chamava por esse nome, e tiveram o ensejo de fazer a pergunta diretamente a Jesus.

Depois da ressurreição de Lázaro, Jesus foi introduzido triunfalmente em Jerusalém. Semelhante manifestação despertara grande inveja entre os líderes religiosos de Seus

contemporâneos, que já pensavam em eliminar fisicamente tanto a Jesus como a Lázaro. Em meio a esse clima de intolerância, Filipe e André levam a nosso Senhor as novas de que alguns gregos querem vê-Lo (S. João 12:20-23). Cristo fez várias declarações de profundo significado, entre as quais a de que atrairia todos a Si, quando fosse levantado. A declaração levou alguns ouvintes a compararem as afirmações de Cristo com o que dizia a Lei. Crendo acharem contradição entre ambos, perguntaram então: “Quem é esse Filho do homem?” (verso 34). Evidentemente, queriam saber mais sobre a pessoa de Jesus do que sobre o título em si, e Jesus lhes falou da luz que ainda estava a sua disposição, e que devia ser aproveitada.

## FALTA DE CRONOLOGIA RÍGIDA

Visto que os escritores dos Evangelhos não seguiram uma ordem cronológica rígida na apresentação dos assuntos que os impressionaram, e sobre os quais foram impelidos a escrever, torna-se difícil dizer com exatidão quando Jesus Se serviu pela primeira vez desse título referente a Sua pessoa. Se formos ao livro de São Mateus, por exemplo, verificaremos que esse autor cita a expressão, inicialmente, em ligação com a declaração de um escriba, que prometia seguir a Jesus para onde quer que fosse nosso Senhor. Jesus lhe respondeu, então, que enquanto as raposas tinham covis, e não as aves dos céus, Ele não tinha onde reclinar a cabeça (S. Mat. 8:20).

Se Mateus tivesse deixado para citar esse incidente um pouco depois, haveria coincidência entre os Evangelhos sinópticos sobre o emprego, pela primeira vez, da expressão Filho do homem; pois Marcos e Lu-

cas começam a usá-la no ocorrido com o paraplético de Cafarnaum, enquanto o autor do primeiro Evangelho usa esse fato em segundo lugar. Com as palavras "para que saibais que o Filho do homem tem na Terra poder para perdoar pecados" (S. Mar. 2:10), dirigidas a Seus opositores, Jesus mandou que o paraplético se erguesse e andasse, conduzindo o mesmo leito no qual fora trazido.

O ocorrido no qual o apóstolo João cita inicialmente o título Filho do homem, nada tem que ver com os dois exemplos já mencionados. João impressionou-se com o encontro entre Jesus e Natanael. Conta ele como, finalizando o diálogo que teve com o homem que Lhe trouxera Filipe, Jesus disse: "Na verdade, na verdade vos digo que daqui em diante vereis o céu aberto, e os anjos de Deus subirem e descerem sobre o Filho do homem" (S. João 1:51).

Um resumo dos assuntos nos quais aparecem as palavras Filho do homem, referindo-se a Cristo, levar-nos-ia a uns dez ou doze temas diferentes, salientando-se aqueles que dizem respeito à morte e à segunda vinda de nosso Senhor. Para se ter uma idéia, só no Evangelho Segundo São Mateus o primeiro desses assuntos está ligado com a expressão em apreço mais de oito vezes, enquanto o segundo conta com nada menos que onze vezes.

Mas são também juntados ao título, assuntos como a pobreza de nosso Senhor, Sua autoridade para perdoar pecados, Sua identificação com pecadores aos quais procurava salvar, a transfiguração, e outros; sendo que o evangelista São João o liga com a serpente do deserto, da qual Jesus falou a Nicodemos; com a faculdade de exercer o juízo a que fez referência após a cura do paraplético de Betesda; com a necessidade de comermos Sua carne, bem como com Sua glorificação, esta salientada na oração intercessória do capítulo dezessete do quarto evangelho.

Certamente, uma das ocasiões bastante significativas às quais está ligada a expressão Filho do homem, é aquela na qual Jesus procura saber o que os homens pensam dEle. "Quem dizem os homens ser o Filho do homem?" (S. Mat. 16:13), perguntou Jesus a Seus discípulos, tornando depois a pergunta mais individual, ao perguntar-lhes o que eles próprios pensavam dEle.

O Evangelho de Lucas liga o título Filho do homem com um dos momentos mais significativos da vida de nosso Senhor, ou talvez o maior deles—aquele instante em que Judas O beijou como sinal da identificação previamente combinada com os que deveriam

prender a Cristo. "Judas, com um beijo traís o Filho do homem?" perguntou Jesus ao traidor (Luc. 22:48), como se ao mesmo tempo estivesse oferecendo ao Seu relutante discípulo a última oportunidade de mudar os rumos de sua sinuosa vida.

Vemos assim que os fatos comuns da vida e obra de nosso Senhor, bem como aqueles aspectos de maior importância, estiveram em grande parte associados com o título pelo qual passou a ser conhecido, tanto pelos que O amaram, como por aqueles que não tiveram coragem de aceitá-Lo ou os que chegaram mesmo a aborrecê-Lo.

## MENCIONADO EM MAIS TRÊS LIVROS

Não foram só os quatro evangelistas que falaram de Jesus como o Filho do homem. O livro de Daniel, no Antigo Testamento, e os de Atos e Apocalipse, no Novo, também fazem referência ao título em questão, com a diferença que nos Evangelhos é o próprio Jesus quem se intitula Filho do homem, enquanto nesses outros três livros da Bíblia nosso Senhor é chamado por esse nome.

O profeta Daniel conta como o Filho do homem passou a fazer parte de suas visões. "No primeiro ano de Belsazar, rei de Babilônia" (Dan. 7:1), foram-lhe mostrados em sonhos quatro animais com características diferentes. Tratava-se de animais simbólicos (Dan. 7:17), utilizados para representar povos ou nações. Depois de descrever o quarto desses animais, começa o profeta a falar sobre uma cena, ao que tudo indica, de julgamento. Nesta, viu ele vindo nas nuvens do céu "um como o Filho do homem" (Dan. 7:13), que Se dirige ao Ancião de dias ou o presidente do tribunal daquela sessão de juízo. É a única vez em que o profeta se refere a Cristo, utilizando essa expressão.

No livro de Atos, a referência ao título é feita por Estêvão, primeiro mártir cristão. Embora o rosto desse homem de Deus brilhasse com a refletida glória do Céu, sua vida não foi respeitada. A sanha daqueles que se sentiram ofendidos, fizera-o silenciar. Antes, porém, que as primeiras pedras atiradas atingissem o alvo, Estêvão pôde descrever a cena que Lhe trouxe encorajamento. "Eis que vejo os Céus abertos", disse ele, "e o Filho do homem, que está em pé à mão direita de Deus" (Atos 7:56). Possivelmente se tenha lembrado do nome que tantas vezes ouvira o próprio Cristo usar, enquanto aqui esteve.

O autor do Apocalipse, o apóstolo João, também autor do quarto Evangelho, viu o Filho do homem em pelo menos duas oca-

siões, ao receber as visões que escreveu e dirigiu às Sete Igrejas. Na primeira delas, descreve ele um Ser que Se encontrava entre os sete castiçais, logo descritos como as sete igrejas. "Vestido até os pés de um vestido comprido, e cingido pelos peitos com um cinto de ouro" (Apoc. 1:13) percorria o Filho do homem os corredores dos sete períodos da história da Igreja de Deus neste mundo.

A próxima vez em que João menciona um acontecimento no qual aparece o Filho do homem é em Apocalipse 14:14. O cenário descrito aqui, difere muito do anterior. Agora, o apóstolo O vê com uma coroa de ouro na cabeça, e com uma foice aguda na mão, uma característica típica da Segunda Vinda de nosso Senhor.

## UM TÍTULO PREFERIDO

O *Seventh-day Adventist Bible Commentary*, vol. 5, pág. 581, apresenta, ao que parece, algumas hipóteses para a existência da expressão Filho do homem. Sem seguir exatamente a ordem em que elas são apresentadas, podemos citá-las, como: 1) Um nome usado por alguns judeus, referente ao dirigente messiânico do novo reino a ser estabelecido; 2) uma designação preferida pelo próprio Cristo; 3) o milagre pelo qual o Criador e a criatura se uniram em uma pessoa divino-humana.

Embora nenhuma das três possibilidades deva ser excluída, a segunda, pelo menos, parece ser a mais fácil de comprovar, em virtude da multiplicidade de fatos com os quais Jesus ligou a expressão. Não existe uma preocupação maior, da parte de nosso Senhor, ao usar o título, que nos permita tirar conclusões de que não se tratava de nome comum. É muito mais natural concluirmos que, quando juntava a expressão a qualquer tipo de declaração que fazia, estivesse apenas evitando o pronome pessoal.

Jesus poderia ter dito a Nicodemos, por exemplo, quando lhe falou a respeito da necessidade de nascer de novo, tudo aquilo que foi dito, valendo-se de um pronome pessoal. Poderia ter explicado a seu interlocutor: "E, como Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que EU seja levantado" (S. João 3:14); ou ter recomendado aos ouvintes que trabalhassem pela comida que "permanece para a vida eterna, à qual EU vos darei"; ao contrário, porém, usou no lugar desse pronome pessoal o título Filho do homem, dizendo-lhes que este lhes daria a vida eterna. Não significa isso, entretanto, que não tenha usado esses pronomes em algumas ocasiões. A ver-

dade é que usava, indiferentemente, tanto uma coisa quanto a outra.

Também não usou o título por vaidade ou para engrandecimento pessoal, pois do contrário teria cometido um contra-senso. Quando explicou à mãe de Tiago e João que o pedido que esta Lhe fazia era inspirado nos costumes das pessoas influentes deste mundo, mas que a verdadeira grandeza consiste em servir, acrescentou: "Bem como o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir, e para dar a Sua vida em resgate de muitos." S. Mat. 20:28.

Seria uma incoerência, portanto, associar a uma lição de humildade uma expressão que visasse ao engrandecimento próprio. Jesus, porém, sempre foi aquilo que ensinou. Não disse aos homens nada em que não pudesse servir-lhes de exemplo. Encarnava as verdades que indicou às pessoas. Não só ensinou o caminho, mas era "o caminho, a verdade, e a vida".

## OUTROS "FILHO DO HOMEM"

Uma segunda razão que nos leva a pensar na expressão Filho do homem como um título comum com o qual Jesus Se dirigia às pessoas, é o fato de outras pessoas também terem recebido esse nome. A diferença, como já vimos, está em que Cristo Se intitulou Filho do homem, enquanto as demais pessoas receberam essa designação.

É o caso, por exemplo, do profeta Ezequiel, no Antigo Testamento. Em noventa e duas ocasiões diferentes, foi ele chamado por Deus de filho do homem. E em que pese ter sido filho de sacerdote, e ser um profeta grandemente utilizado por Deus para a transmissão de temas do mais alto significado, ninguém, por certo, será levado a pensar que o nome pelo qual Deus insistia em chamá-lo, sugeria que se estivesse identificando com a humanidade, ou que tivesse parte na Divindade. Quando muito, Deus deve ter usado esse nome de natureza óbvia, como uma demonstração de carinho para com Seu fiel servo; ou então, para que Ezequiel não viesse a esquecer-se de suas origens, depois de ter tido as visões que lhe vieram às margens do rio Quebar.

Evidentemente, Ezequiel não escolheu esse título, como ocorreu com Jesus. Sempre que a ele se refere, afirma que é Deus quem o está tratando dessa maneira. Noventa e duas vezes, conta que lhe veio a "palavra do Senhor", dizendo-lhe o que, como filho do homem, devia fazer ou dizer. A primeira vez que isso aconteceu, foi quando Deus lhe disse: "Filho do homem, põe-te em pé, e falarei contigo" (Ezeq. 2:1).

Na ocasião, foi enviado "aos filhos de Israel", às nações que se haviam rebelado contra Deus. A série de utilizações da expressão filho do homem se completa, em seu livro, com a recomendação de que colocasse coração, olhos e ouvidos naquilo que lhe seria dito (Ezeq. 44:5) "de todos os estatutos da casa do Senhor, e de todas as suas leis". Na ocasião, foram-lhe repetidas as instruções a respeito de como os sacerdotes deveriam exercer seu ministério, e como deviam comportar-se de um modo geral.

O profeta Daniel não só observou "um como o Filho do homem", em sua visão dos quatro animais, como recebeu o nome de filho do homem, na visão do capítulo oito do seu livro, isto é, a visão do carneiro e do bode. No verso 17, o profeta relata suas reações físicas e psicológicas ao tomar conhecimento do que lhe foi apresentado, e como foi reanimado por alguém que lhe falava. Rosto em terra, em virtude da prostração que lhe sobreveio, ouve falar-lhe uma voz: "Entende, filho do homem, porque esta visão se realizará no fim do tempo." Como no caso de Ezequiel, o mensageiro celestial parece estar usando aqui uma expressão de carinho para com alguém que recebeu a elevada incumbência de transmitir mensagens de tão grande significado; e, todavia, sem que o nome desse ao seu possuidor um caráter especial, aiém do que já lhe era inerente.

Uma das mais antigas alusões, entretanto, deve ser talvez a que se referia ao patriarca Jó. Acha-se no capítulo 16 e verso 21 do seu livro, e expressa uma aspiração

da parte do homem considerado mais paciente, no sentido de que houvesse alguém que pudesse "contender com Deus". Diante da falta de compreensão dos seus amigos, os quais o responsabilizavam terrivelmente pelos seus infortúnios, exclamou o patriarca: "Ah! se alguém pudesse contender com Deus pelo homem, como o filho do homem pelo seu amigo!"

Sem compreender ainda os verdadeiros motivos de ter sido colocado sob tão dura prova, pensava Jó que, se fosse possível alguém discutir com Deus a seu respeito, talvez sua inocência pudesse ficar comprovada. Aqui no mundo, insinuava ele, as coisas pareciam mais fáceis: um representante da raça humana defendia a causa de outro, por quem revelava afeição! O que ele não podia ver naquele momento de aflição, porém, era que esse Advogado que tanto desejava, existia; e estava interessado em seu caso. A defesa que tanto almejava estava a caminho!

Temos ainda menção feita à expressão filho do homem, em geral referente a pessoas comuns, nos livros dos Salmos e do profeta Isaías, o que sugere o uso normal desse título através de grande parte das Escrituras. Não oferece ele, portanto, fortes razões para se crer que fosse mais do que um designativo que nosso Senhor escolheu, para com ele tornar conhecidos ao homem os mais elevados conceitos da vida eterna. Os homens e o próprio Satanás puderam, ou tiveram que chamá-Lo de Filho de Deus; mas, somente Ele, Se chamou pelas três palavras usadas mais de 80 vezes — Filho do homem.

---

ENRIQUE BECERRA — Colaborador da Revista *O Ministério*

---

# Um Seminário em Missão

**A** grande comissão de Mateus, capítulo 28, constitui a ordem de marcha e ação não apenas para os apóstolos, mas para a Igreja de todos os tempos. Em certo sentido, já o era para a Igreja do Antigo Testamento, convidada a levantar-se e resplan-

decer, proclamando a glória de Jeová a todas as nações.

Agora, porém, que o Messias venceu e assumiu Sua posição como Sacerdote e Rei, não apenas de Israel, mas do Universo, pôde anunciar aos crentes: "É-Me dado todo

o poder no Céu e na Terra". Baseada nesse poder onipotente, a Igreja recebe a ordem de ir e fazer discípulos em todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo.

A presença constante de Jesus Cristo, enquanto se realiza essa obra, é prometida sob a condição de obediência e da proclamação das verdades que Ele ensinou durante o Seu ministério terrestre. Como Ele andou fazendo o bem e anunciando a salvação, assim deve cada discípulo imitar o seu Mestre e anunciar as boas novas. Sua promessa "até o fim deste mundo", dá à comissão uma perspectiva escatológica que tem particular significado para o nosso tempo: Aqueles que são discípulos de Cristo hoje, devem ser fiéis à Missão; este é seu primeiro objetivo.

### MISSÃO — SEMINÁRIO E MUNDO EVANGÉLICO

Interessa-nos, particularmente, um Seminário no contexto desta missão, no caso específico da igreja latino-americana. Norberto Saracco<sup>1</sup> resume acertadamente os antecedentes históricos que precisamos levar em consideração. Sem se deter em pressões, descreve a origem da educação teológica que chegou às nossas terras, das mãos de missionários, com o objetivo de preparar líderes nativos. Inicialmente são pequenos grupos de estudantes caracterizados por uma profunda paixão evangelística e motivados pelo desejo de conhecer as bases da nova fé nas Sagradas Escrituras. Saracco adverte sobre uma tendência independente destes novos estudantes, que ameaça a estrutura da igreja que representam, e vê uma reação das instituições de educação teológica, que pouco a pouco se transformam no centro escolhido para moldar a liderança conforme a teologia e ideologia da igreja mãe. Nesse esforço, perderam a visão missionária e assumiram a posição de perpetuar a estrutura denominacional, conforme as características que trouxeram do estrangeiro.

As instituições de formação ministerial constituem-se, então, em centros estratégicos que necessitam ser fortalecidos. Na década de 50 e princípios da de 60, vê-se a consolidação das estruturas de educação. Por exemplo, no início do que hoje é o Programa de Educação Teológica do Conselho Mundial de Igrejas, foi a base para a educação teológica (TEF) que tinha como principal objetivo proporcionar ajuda econômica para o fortalecimento dos seminários do Terceiro Mundo. Então foram levantados edi-

fícios, investiu-se em bibliotecas e se propiciou a preparação de professores nos Estados Unidos e Europa. As diversas instituições seguiam o modelo europeu ou norteamericano, sem perceber que a situação do contexto onde estavam era totalmente diferente.

A igreja latino-americana foi conhecendo em seus primeiros teólogos profissionais, o alto preço a ser pago pelo elitismo. Paralelamente a este fortalecimento da instituição teológica, ocorre uma debilitação de sua principal razão de ser, ou seja, motivar, capacitar e equipar o povo de Deus para o cumprimento da Missão.

Saracco conclui estas considerações, dizendo que enquanto as igrejas se espalhavam e cresciam num ritmo acelerado que ia além da capacidade de resposta das instituições teológicas, o seminário sentia que não necessitava da igreja nacional para sobreviver e, portanto, podia seguir uma linha independente desta. Como resultado, é fácil supor que, tanto a igreja como os seminários, saíram perdendo neste mútuo distanciamento.

É a partir deste ponto que a reunião de Quito, em 1985, trabalhou para analisar novos planos e novos modelos para a educação teológica, reconhecendo que já havia um caminho percorrido, a partir, especialmente, da educação por extensão. Contudo, considerou que o caminho não estava totalmente percorrido. Uma segunda reunião, relativa à assembléia anual da Associação de Seminários e Instituições Teológicas (ASIT), realizada em Buenos Aires, de 15 a 17 de outubro de 1985, trabalhou a partir da mesma inquietude, sob o tema: "Novas perspectivas para a educação teológica na América Latina."

Num determinado momento da análise da situação atual, na reunião de Quito, estudando como trazer o currículo para a realidade da igreja, foi sugerido: 1) Situar a educação teológica na igreja local; 2) incorporar pastores ao corpo docente dos Seminários. Tudo com o definido objetivo de mudar o enfoque verticalista, de uma educação teológica com um currículo proveniente de especialistas, freqüentemente distanciados do trabalho da igreja local. Orlando E. Costas esteve presente à reunião de Quito e se referiu à estreita relação existente entre a educação teológica e a missão da igreja.<sup>2</sup> A missão dá origem à educação teológica e, às vezes, é influenciada por esta. Em outras palavras, o objetivo da educação teológica é a capacitação do povo de Deus para o serviço do Reino.

De conformidade com este princípio fundamental, a igreja cumprirá sua tarefa docente na medida em que, por conta própria ou em cooperação com outras da mesma região ou cidade, apresente programas que ajudem todos os seus membros a descobrirem e exercerem seus dons no desenvolvimento de ministérios diversos. Costas acrescenta que um reenfoque da educação teológica não deve vir em detrimento do aprofundamento teológico e da análise científica da realidade sócio-econômica, política e cultural do meio no qual a igreja atua.

## TEOLOGIA E MISSÃO

Existe o perigo de os estudos teológicos se tornarem teóricos ou se marginalizarem quanto à realidade em que a igreja está vivendo. Por isso, é necessário deixar bem claro o que é, fundamentalmente, a teologia. As palavras de Orlando Costas são oportunas:

“A teologia não é uma disciplina abstrata, mas o estudo da atividade de Deus. O que teologiza luta com o que Deus faz, não apenas com o que Deus é. A compreensão do ser de Deus, deriva-se de Sua atividade dinâmica. Para eles, toda a verdade teológica é produto da atividade de Deus e não vice-versa. Em outras palavras, a doutrina não é mais do que uma reflexão sobre o evento ou a ação. Daí, na Bíblia a ação sempre preceder à doutrina. Prova disso são os numerosos incidentes, tanto no Antigo como no Novo Testamento, que constituem o berço para as grandes doutrinas bíblicas. Por exemplo, o Deus cuja vontade é dada a conhecer nas tábuas da lei, é o Deus que primeiramente atuou na Criação, no chamado a Abraão e no Êxodo. Assim mesmo, só depois do Calvário se desenvolveu uma doutrina da cruz.

“Significa isto que toda verdade teológica tem um caráter funcional, e, por conseguinte, desloca-se até um fim. O fim da teologia é o conhecimento de Deus, mas não um conhecimento abstrato do ser de Deus; e sim, da pessoa de Deus como Senhor e Salvador. Em outras palavras, a teologia tem um fim soteriológico. Este propósito se torna claramente evidente quando examinamos as características distintivas da teologia, ou seja, as verdades que se derivam da ação de Deus na história.”<sup>3</sup>

Jesus foi o revelador enviado. Não foi uma teoria da revelação, mas uma pessoa que falava aos homens, sendo Ele mesmo uma realidade viva. O enviado do Pai é o Verbo feito carne, ou a palavra feita ação.

Os apóstolos são enviados com uma

mensagem que anuncia o mistério da salvação. Não se trata de uma teoria, mas de uma mensagem que interpela os homens, pondo-os diante da pessoa de Jesus Cristo, o Salvador.

Todo crente é enviado a proclamar as boas novas da salvação por meio de alguém que vive e deseja agir na vida de cada ser humano. Essa é a missão de todo crente e a missão da igreja. Cabem aqui as palavras do Dr. Mário Veloso, quando comenta a idéia paulina com respeito à Missão:

“Segundo Paulo, a missão se desdobra em um duplo ministério. Primeiro anunciar o Evangelho a todos: incrédulos e crentes. Para Paulo, estão unidas em uma mesma pessoa as atividades que o cristianismo ocidental dividiu em três: O missionário, o evangelista e o teólogo. O missionário leva o Evangelho aos lugares distantes; o evangelista, aos incrédulos das imediações, e o teólogo explica as verdades da revelação, adaptando-as à vida de uma geração. O missionário trabalha em países distantes, e o evangelista em salões de conferências; o teólogo, numa sala de aulas de uma universidade. Geralmente, são considerados como profissionais com tarefas específicas, independentes entre si e separados dos membros leigos; mas Paulo não os separa, porque, para ele, uma mesma pessoa é ao mesmo tempo missionário, evangelista e teólogo; e, além disso, um leigo também pode e deve situar-se nessas três áreas. Todos os crentes devem anunciar o Evangelho, e todos explicar a verdade a incrédulos e a crentes.”<sup>4</sup>

## SEMINÁRIO EM MISSÃO

Desde o início do seu trabalho na América do Sul, na última década do século passado, a Igreja Adventista considerou como tarefa de primeira importância a criação de seminários para a formação de seus pastores e missionários. Começando com cursos a nível secundário, chegou a oferecer, em pontos estratégicos do continente, os quatro anos da faculdade, em programas que refletiam tanto os conteúdos de cursos semelhantes que preparam profissionalmente os pastores da América do Norte, como matérias que refletem situações particulares da evangelização e a obra pastoral da latino-americana.

Novas inquietudes em torno da educação teológica começaram a manifestar-se em fins da década de 50. Os programas destes cursos de quatro anos, de nível terciário, foram ajustados com dois objetivos paralelamente presentes: Elevar o nível de capacitação intelectual e teológica, sem diminuir

o lógico compromisso do Seminário com a tarefa pastoral evangelizadora da Igreja. Com maior ou menor êxito, este equilíbrio foi conseguido, de acordo com o grupo de professores que compunham a equipe docente das instituições do Peru, Chile, Argentina e as duas sedes brasileiras.

Uns dez anos mais tarde, os olhos dos responsáveis pela capacitação teológica voltaram-se para o estudo de pós-graduação. Era necessário e convincente preparar nesse nível o maior grupo de pastores. Os benefícios da educação norte-americana e européia alcançaram apenas uns poucos, e os conhecimentos adquiridos nesses países, nem sempre podiam ser aplicados à realidade sul-americana. O anelo de estender a um maior número de pastores a educação teológica de pós-graduação e a necessidade de aproximar a educação teológica da realidade da igreja sul-americana, foram as duas forças impelentes nos projetos e planos que começaram a concretizar-se durante a segunda parte da década de 70.

No dia 3 de outubro de 1978, o "Board of Graduate Theological Education" da Associação Geral da Igreja Adventista aprovou a criação de um Seminário, com base nas instituições teológicas já existentes, para oferecer um programa de estudos teológicos de pós-graduação. Ao nível de Mestrado, iniciado em janeiro de 1981, seria agregado, mais tarde, o nível doutoral. Seria, este Seminário, outra instituição teológica de cunho clássico, ou teria, desde as suas bases, uma estrutura equilibrada nos fundamentos da teologia e da missão? Com a ajuda do Regulamento Interno do novo Seminário, procuraremos dar resposta a essa pergunta.<sup>5</sup> Antes, chamamos a atenção do leitor para o fato de que estamos analisando o problema oito anos antes das reuniões mencionadas que ocorreram em Quito e Buenos Aires.

## UM SEMINÁRIO EM MISSÃO

O Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia (SALT) foi organizado para preparar missionários e pastores que sirvam à igreja: 1) como pastores do rebanho, 2) como evangelistas, pregadores da Palavra e 3) como dirigentes da igreja.

Em teologia, o SALT reconhece a Bíblia como única fonte de revelação, de onde a Igreja Adventista extraiu todas as suas doutrinas, reconhecendo que "a Bíblia contém simples e completo sistema de teologia e filosofia"<sup>7</sup> Este Seminário se propõe, então, a cultivar um saber teológico que procura compreender o conteúdo da Sagrada Escri-

tura num contexto salvífico, para obter uma experiência de fé no Cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo. Em espírito de devoção e adoração, o crente aproxima-se de Deus e, em obediência a Sua vontade, conhecendo o seu dever, aceita como sua a missão que Cristo determinou a Sua igreja.

Não é prioritário, então, o saber teológico especulativo, que organiza o conhecimento bíblico seguindo uma estrutura filosófica. É uma interpretação bíblica dos feitos divinos, centralizados no ato salvífico, para orientar a ação do crente, que se inicia em uma relação pessoal com Jesus Cristo e se projeta em sua integração no cumprimento da Grande Comissão.

O SALT está construído sobre esta filosofia missionária. A igreja é a continuidade de crentes dirigidos pelo Espírito Santo, que aceitou a pregação do Evangelho como sua única missão sobre a Terra. Para conseguir o melhor desempenho dessa missão, desde os tempos apostólicos a igreja precisou preparar ministros, missionários e pastores.

O SALT não se propõe separar os professores da ação missionária, na qual se encontra ativa a igreja, com o objetivo de dedicar-se ao preparo dos pastores. Antes, pretende que, enquanto trabalha ativamente pela salvação dos homens, um grupo especializado de ministros (pastores, professores) prepare também novos pastores. Este foi o estilo de educação que seguiram os apóstolos, através do qual os professores de teologia (Paulo, Pedro, etc.) se tornaram pastores do rebanho e/ou dirigentes da igreja em geral.

Essa é também a idéia expressa por Ellen White, quando aconselha: "Deve haver homens e mulheres habilitados a trabalhar nas igrejas e a preparar nossos jovens para ramos especiais de serviço, a fim de que almas sejam levadas a ver a Jesus. As escolas estabelecidas por nós devem ter em vista este objetivo e não imitar o sistema das escolas denominacionais estabelecidas..."<sup>8</sup>

Esta filosofia dá aos professores missionários uma perspectiva equilibrada para a busca da solução dos problemas teológicos, que são em última análise os problemas da igreja. Através de uma análise profunda da realidade da igreja e da realidade do mundo, o docente missionário estuda e investiga também com profundidade a revelação bíblica para descobrir na revelação de Deus as soluções aos problemas que a igreja enfrenta.

É mais fácil e "seguro" realizar a tarefa de educar teologicamente seguindo caminhos já conhecidos (o que e como sempre

se fez). O SALT não quer deixar de lado a herança teológica protestante e toda a sua contribuição à igreja mundial, mas procura realizar seu trabalho em um contexto de Missão.

O SALT deseja que todos os seus professores tenham títulos doutorais na área de sua especialidade; ao mesmo tempo, contudo, espera que tenham sido ou sejam pastores de êxito. Enquanto trabalha no ensino, espera-se que o pastor-professor aceite uma responsabilidade que o mantenha integrado ao programa pastoral evangelístico da igreja.

#### UMA EXPERIÊNCIA PROGRESSIVA

Para aqueles que não estão familiarizados com a estrutura atual do SALT, apresentamos uma síntese de suas atividades relevantes: Cinco escolas ou faculdades de teologia proporcionam o programa a nível de faculdade, com quatro anos de estudos: No Peru, a Universidade União Incaica; no Chile, o Instituto Profissional Adventista; na Argentina, o Colégio Adventista do Prata; e no Brasil, o Instituto Adventista de Ensino, em São Paulo; e o Educandário Nordestino Adventista, nas proximidades da cidade de Belém de Maria, em Pernambuco. Essas cinco sedes têm seu respectivo diretor ou decano, cujo trabalho é coordenado pelo Reitor com responsabilidade sobre a formação teológica nos oito países do sul da América do Sul. Há um currículo com características comuns às cinco sedes, e que é adaptado em aspectos

específicos às necessidades particulares da área em que serve.

Em nível de pós-graduação, são oferecidas, desde 1981, duas graduações de Mestrado em três sedes, em programas de verão. O Mestrado em Teologia e o Mestrado em Teologia Pastoral, são oferecidos nas sedes do Peru, Argentina e Brasil sul (São Paulo). A partir de janeiro de 1989, começará o programa doutoral em duas destas sedes.

A experiência adquirida até aqui tem sido riquíssima. Há, porém, muito ainda para aprender. Os que têm acompanhado, como nós, este programa de seminário em missão, e participado de sua dupla tarefa (que na realidade é uma só) de preparar pastores como tais, crêem que os resultados a longo prazo serão ainda maiores que os que já estão sendo presenciados.

#### Referências.

1. Norberto Saracco, "La Busqueda de los Nuevos Modelos de Educación Teológica", relatório apresentado em Conocoto, próximo de Quito, por ocasião da reunião para refletir sobre o tema "Novas Alternativas da Educação Teológica". Esse encontro foi realizado de 19 a 23 de agosto de 1985, por iniciativa da Fraternidade Teológica Latino-Americana (FTL).
2. Orlando Costas, "Perspectivas para el Futuro de la Educación Teológica", Quito, 19 e 23 de agosto de 1985.
3. Orlando Costas, *Hacia una Teología de la Evangelización*, Buenos Aires, A Aurora, 1973, págs. 12 e 13
4. Mário Veloso, *Carta desde la Prisión*, Buenos Aires, ACES, 1985, págs. 52 e 53.
5. *Regulamento Interno do Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia*, terceira edição, Brasília, 1984.
6. SALT *Regulamento Interno*, pág. 42.
7. E. G. White, *Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes*, Santo André, CPB, 1975, pág. 379.
8. E. G. White, *Fundamentos da Educação Cristã*, Santo André, CPB, 1975, pág. 231.

SALT  
DIVISÃO SUL-AMERICANA  
Brasília, julho de 1986.

# Como vai a sua igreja?

Você já pensou nisso? Que diagnóstico você faria da sua condição espiritual? Alguém que faz parte desta Igreja e conhece um pouco de seus problemas já fez um diagnóstico. E indica algumas soluções.

**Diagnóstico e Remédio** discute temas como:  
As Relações Interpessoais • O Cristão e a Mente Deus e Nós • Nós e a Igreja • Vida Cristã.

Os remédios estão aí. As escolhas são por sua conta.

**CASA PUBLICADORA BRASILEIRA**  
Caixa Postal 34 — 18270 - Tatuí, SP.



# Anabatistas: Reformadores dos Reformadores

**N**o dia 21 de janeiro de 1524, sábado, na cada de Félix Mantz, em Zurique, Suíça, Georg Blauroch, um antigo sacerdote, confessou seus pecados e depois foi batizado por Conrad Grebel, um leigo. Na semana seguinte, 35 pessoas foram batizadas na vizinha vila de Zollikon. Logo após, Wilhelm Reublin foi a Waldshut, 48 quilômetros ao norte de Zurique, e ali batizou Balthasar Hubmaier e outras 60 pessoas. Por sua vez, Hubmaier batizou 300 novos convertidos na época da Páscoa do mesmo ano. Esses acontecimentos assinalaram o início do movimento Anabatista.<sup>1</sup>

Muitas igrejas cristãs independentes encontram neste movimento alguns dos seus antepassados espirituais.

A igreja do século XVI necessitava desesperadamente de reforma. Mesmo antes, os movimentos da reforma já haviam surgido — os valdenses nas regiões alpinas da Itália e da França, os wiclifenses na Inglaterra e os hussitas na Boêmia, entre outros. Os homens que trouxeram a Reforma faziam parte dessa longa tradição de movimentos de reforma. Ao mesmo tempo que eles eram contra o mundanismo da igreja papal, também queriam a reforma das doutrinas da igreja, que séculos de tradição haviam desfigurado. Desejavam substituir todo o reino da justificação pelas obras, pela justificação pela fé; da tradição, pelas Escrituras; e o clero especial e a hierarquia papal, pelo sacerdócio dos fiéis. Quando, na controvérsia de Leipzig (1519), Martinho Lutero convenceu-se de que o papa e os concílios não eram infalíveis, mas podiam errar, tornou-se herético aos olhos da igreja.<sup>2</sup> Zurique presenciou desenvolvimento parecido. Huldreich Zwinglio, que pôs em dúvida a pa-

lavra e a obra da Igreja Romana e pregou contra ela, foi estigmatizado como herético.

Contudo, não se passaram muitos anos sem que encontremos alguns dos seguidores de Lutero e Zwinglio sendo considerados heréticos por seus companheiros de reforma, porque divergiam em questões fundamentais. Alguns desses homens tinham idéias completamente revolucionárias. Thomas Müntzer, por exemplo, queria mudar radicalmente a igreja e a sociedade, e estava querendo usar a força para isso.<sup>3</sup> Os müntzeritas, um grupo anabatista radical, batalhavam para assegurar e defender sua "Nova Jerusalém", a cidade de Münster na Westfália, que eles criam deveria tornar-se o centro dos 1000 anos de paz aqui na Terra.

A maioria dos anabatistas não tinha este espírito revolucionário. Na verdade, muitos deles eram pacíficos, rejeitando mesmo toda participação no conflito. Alguns eram pacifistas e criam na não-resistência.<sup>4</sup> Um movimento não deveria ser julgado pelos excessos de alguns. Antes, deveria ser avaliado pelos ensinamentos e práticas dos melhores dos seus defensores.

Infelizmente, porém, principalmente por causa dos excessos, os grandes reformadores rejeitaram como radicais ou fanáticos, todos aqueles que não concordavam com eles.<sup>5</sup> Lutero, Zwinglio e Calvino não faziam distinção entre os vários outros grupos e movimentos que existiam lado a lado com o seus.

O movimento anabatista verdadeiro e pacífico começou quando certos seguidores de Zwinglio concluíram que ele não havia reformado totalmente a igreja. Eles queriam uma igreja pura, que consistisse de pessoas que se tivessem arrependido de sua antiga maneira de viver e que estivessem desejo-

sas de se unir voluntariamente a uma congregação. Apenas os crentes podiam unir-se a uma igreja assim. Por isso os anabatistas rejeitavam o batismo de criança. Zwinglio, por outro lado, estava trabalhando no sentido de reformar toda a nação. Ele desejava estabelecer uma espécie de "Israel Alpino" que incluiria todos aqueles que aí vissem. Dentre os seguidores de Zwinglio, os que desejavam uma reforma mais voluntária e completa mantiveram discussões com o reformador durante 1523 e 1524, mas essas discussões não terminaram em acordo. O rompimento foi inevitável. Os batismos em Zurique e arredores continuaram em 1525, e a partir daí o movimento se espalhou em todas as direções.

## O QUE CRÊEM OS ANABATISTAS?

Anabatista era a pessoa que havia sido batizada de novo, como crente. Os que praticavam o batismo dos crentes não chamavam a si mesmos de anabatistas. Antes, eram os Católicos Romanos, os Luteranos, os Zwinglianos e os Calvinistas quem lhes davam este nome. Os anabatistas se chamavam cristãos ou irmãos. Para eles, o batismo dos crentes não era um rebatismo, mas o batismo apropriado.

Os anabatistas não eram um grupo homogêneo; muitas vezes cada líder tinha sua própria compreensão e se mantinha em suas convicções particulares. Contudo, um certo grau de fé comum os mantinha unidos.

Em 1527 alguns dos anabatistas se reuniram em Schleithem, no cantão suíço de Schaffhausen, e concordaram em sete pontos básicos.<sup>6</sup> Esses pontos indicam não só as crenças que eles defendiam em comum, como também, em certo grau, pontos nos quais eles divergiam dos outros reformadores.

O primeiro artigo referia-se ao batismo. Os anabatistas concordavam em que apenas aqueles que cressem, que se tivessem arrependido e estivessem desejosos de viver uma vida de discipulado ativa, deviam ser batizados. Isto excluía todo batismo de criança.

O segundo artigo dizia respeito à condenação. Os anabatistas criam que as pessoas não eram perfeitas após decidirem seguir a Jesus, e que um crente por certo poderia cair em pecado. Criam que nesse caso, como Jesus Cristo mesmo salientou (S. Mat. 18), a igreja devia administrar a disciplina.

O terceiro artigo descrevia sua compreensão da Ceia do Senhor. Eles criam que se celebrava a Ceia do Senhor em memória do corpo partido de Cristo. Discordavam da

idéia Católica Romana da Missa: que a Missa é um sacrifício, que a liturgia latina deve ser usada em conexão com a Missa e que a Missa envolve a transubstanciação — a ministração sacerdotal que transforma o pão e o vinho no corpo e sangue reais de Cristo. Criam também que Lutero errou ao realçar demais a presença corpórea de Cristo nesses elementos.

O quarto artigo expunha seu entendimento de que o crente deve separar-se do mal e da maldade deste mundo. Para eles isto significava um afastamento de "Babilônia" e "Egito terreno", sob cuja designação incluíam: "todas as obras papistas e antipapistas e os serviços da igreja, reuniões e freqüência à igreja, à tabernas, assuntos cívicos", e assim por diante.

O artigo cinco indicava que os pastores devem ser homens de boa reputação. Deviam admoestar e ensinar, advertir e disciplinar, administrar a Ceia do Senhor e cuidar dos membros da igreja. Cada pastor devia ser sustentado pela igreja que o havia escolhido.

O sexto artigo revelava que esses primeiros anabatistas criam que, ao disciplinarem, os cristãos não deviam ir além da aplicação da pena — em outras palavras, excomungar pessoas de sua congregação. Opunham-se ao uso da espada contra os membros errantes. Opunham-se à punição capital, também, mesmo em assuntos cívicos. O artigo mostrava também quão difícil é para o cristão servir como magistrado.

O artigo sete tinha que ver com o juramento. Os anabatistas criam que Cristo proibiu todo juramento ou exigência de juramento. A palavra do cristão, sim ou não, deve ser suficiente.

Desse início, o anabatismo se espalhou pela Europa Ocidental. Seus adeptos estavam concentrados especialmente na parte norte da Suíça, sul da Alemanha, em torno de Strassburg, da Holanda, Morávia e Silésia (Polônia atual). Surgem, porém, cada vez mais evidências de que o anabatismo possuía seguidores também em outros lugares, como a Alemanha central, especialmente Hesse e Turíngia. E encontramos evidência de congregações no norte da Alemanha (em Emden, Hamburgo, Glückstadt) e ao longo do mar Báltico (em Lübeck, Vismar, Danzig, Elbing, Königsberg, e outros lugares). Após a Reforma, os anabatistas espalharam-se pela Romênia e Rússia; e finalmente, por causa de perseguição constante, muitos emigraram para a América.

## OS REFORMADORES TORNAM-SE PERSEGUIDORES

Após a persuasão particular de Zwinglio e a controvérsia de 1525 não terem produzido nenhum resultado, a magistratura de Zurique saiu a campo contra os anabatistas. Eles expediram uma ordem para que os bebês fossem batizados como no passado, e que os pais que se recusassem a permitir que seus filhos fossem batizados deixassem a cidade e o cantão. Mas os anabatistas não estavam querendo deixar. Logo o primeiro foi preso. Um lema do dia expressou sua sorte com vampíresco humor: "Aquele que mergulha será mergulhado — por afogamento."

Félix Mantz, o erudito hebreu em cuja casa se realizara o primeiro batismo, foi a primeira vítima. Em 1527 foi ele amarrado, levado em um barco até o rio Limmat, perto do lago Zurique, e nele lançado. Conrad Grebel escapou de uma sorte semelhante por ter morrido de morte natural em 1526. Balthasar Hubmaier, o primeiro anabatista líder que efetuou o batismo de 300 outras pessoas logo após seu próprio batismo, foi queimado no poste em Viena em 1528. Três dias depois sua fiel esposa foi afogada no Danúbio. Georg Blaurock, o antigo sacerdote e o primeiro a batizar-se, morreu no poste em 1529.

Incontáveis outros na Alemanha e Áustria, tiveram sorte semelhante. A Dieta de Spira (1529) tornou claro que todo anabatista, ou pessoa rebatizada, devia morrer.<sup>7</sup> Muitos arquivos atestam o terrível tratamento dispensado a pessoas que não queriam seguir nem a tradição romana, nem líderes como Lutero, Zwinglio e Calvino, mas apenas Cristo e sua consciência, instruídos pela Palavra de Deus.

A princípio Lutero queria enfrentar os heréticos apenas com a Palavra; todavia, depois de 1528, e principalmente depois de 1530, ele achava que os heréticos deviam ser punidos pelas autoridades civis.<sup>8</sup> Melancthon, o mais chegado dos colaboradores de Lutero, concordava até com a pena de morte para os heréticos. Numa carta a Micônio (1530), escreveu: "Com respeito àqueles que realmente não agitam, mas ainda representam, 'artigos' blasfemos (e o anabatismo seria um tal artigo blasfemo), minha opinião é que as autoridades são obrigadas a executá-los."<sup>9</sup>

Muitos outros reformadores tomaram também essa atitude. Os poderes civis, que antes estavam interessados na pacificação interna e que estavam receosos de qualquer novo movimento, tinham o respaldo dos líderes temporais e teológicos em favor de seus es-

forços para estigmatizar os anabatistas.

Como movimento, o anabatismo era mais ou menos frustrado pela perseguição severa. Seus membros eram dispersados, mortos os seus líderes. Mas o sangue dos mártires jamais é derramado em vão. Embora quase banido, não foi totalmente destruído. O movimento anabatista reviveu mais tarde sob a liderança capacitada de Menno Simons, derivado de quem os Menonitas Anabatistas receberam o nome. Os menonitas, que ainda têm congregações em muitas partes do mundo, continuam a testificar das convicções que os primeiros anabatistas defendiam como verdades preciosas.<sup>10</sup>

Mais importante ainda, no começo do século XVII (1607-1608) um grupo de não-conformistas inglês teve que abandonar a Inglaterra por causa de perseguição ali. Eles foram para Amsterdã e apoiaram os menonitas. Indubitavelmente, através da influência desses menonitas holandeses, esse grupo inglês aceitou o batismo dos crentes como um ensinamento bíblico. Em 1611 ou 1612, sob a liderança de Thomas Helwys, alguns desse grupo de refugiados retornou à Inglaterra. Eles podem ser considerados como a primeira igreja batista em solo inglês.<sup>11</sup> E desse pequeno início o movimento batista se espalhou para todo o mundo, levando com ele a crença de que apenas os que crêem devem ser batizados. A igreja adventista do sétimo dia permanece nessa longa linha de tradição referente ao batismo, uma tradição que encontra sua autoridade máxima na palavra e exemplo da igreja apostólica.

### Referências:

1. Nos últimos 30 anos, um bom número de livros foi escrito sobre os anabatistas. Ver, por exemplo, C. Henry Smith, *The Story of the Mennonites*, 4ª edição, revista e aumentada por C. Krahn (Newton, Kans.: Faith & Life Press, 1957); H. Penner, *Weltweite Bruderschaft: Ein mennonitisches Geschichtsbuch*, 2. Aufl. (Karrlsruhe, 1960); William R. Estep, *The Anabaptist Story* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Pub. Co., 1963).
2. J. Schwutak, *Grosskirche und Sekte: Eine Studie zum Selbstverständnis der Sekete* (Hamburg: 1962), págs. 68 em diante.
3. Ver, e.g., Walter Elliger, *Aussenseiter der Reformation*, Thomas Muntzer (Göttingen, 1975).
4. Isto é claramente expresso em uma carta escrita em 1524 pelo último líder anabatista Conrad Grebel e amigos a Thomas Muntzer. Essa carta pode ser encontrada em G. H. Williams, ed., "Spiritual and Anabaptist Writers", *Documents Illustrative of the Radical Reformation*, in *The Library of Christian Classics*, (London, 1947), vol. XXV, págs. 73 em diante.
5. Uma demorada consideração desse problema pode ser encontrada em John S. Oyer, *Lutheran Reformers Against Anabaptism: Luther, Melancthon, and Menius and the Anabaptists in Central Germany* (The Hague, 1964).
6. John H. Leith, ed., *Creeeds of the Churches: A Reader in Christian Doctrine From the Bible to the Present* (Atlanta: John Knox Press, 1973), págs. 28 em diante.
7. Philip Schaff, vol. VIII, *History of the Christian Church Modern Christianity: The Swiss Reformation* (Grand Rapids Wm. B. Eerdmans Pub. Co., 1910), pág. 84. Ver também H. Boehmer, ed., *Urkunden zur Geschichte des Bauernkrieges und der Wiedertäufer* (Bonn, 1921); G. Bossert, *Quellen zur Geschichte der Wiedertäufer I*, Herzogtum Württemberg (Leipzig, 1930); G. Franz ed., *Wiedertäuferakten, 1527-1626* (Marburg, 1951); *Südwestdeutschland und Hessen, 1525-1618* Tübingen, 1957; R. Wolkau, *Geschichtsbuch der Hutterischen Bruder* (Vienna, 1923).
8. Schwitell, pág. 75. Ele se refere a Lutero, *Weimarer Ausgabe*, vol. 31, sec. 1, págs. 208 em diante.
9. *Corpus Reformatorum*, vol. II, págs. 17 e 18. Citado de Schwitell, pág. 78.
10. Sobre a vida de obra de Menno Simons, ver *The Mennonite Encyclopedia*, (Scottsdale, Pa.: Herald Press, 1959) vol. III, págs. 577 em diante.
11. R. G. Torbet, *A History of the Baptists*, rev. ed., (London, 1966), págs. 24 e 25. Os anabatistas continentais já se encontravam na Inglaterra antes de meados do século XVI, mas nunca tiveram muitos seguidores ali, possivelmente por serem considerados como munsteritas radicais. Ver Torbet, págs. 25 e 26.

# NASCIDOS PARA TRIUNFAR

Mensagem devocional apresentada em New Orleans, na sexta-feira, 5 de julho de 1985.

“Depois destas coisas vi, e eis grande multidão que ninguém podia enumerar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, em pé diante do trono e diante do Cordeiro.” Apoc. 7:9.

Apocalipse 7:9 está a muitos milênios e a incontáveis bilhões de pulsações do coração, da sublime arena do Éden. Ninguém compreenderá isso melhor do que Adão.

Podeis imaginá-lo? Moldado pela própria mão do Criador, ele se levanta para fixar os olhos na face d'Aquele que sempre é belo. Sua mente é clara e de uma inteligência inigualável; sua enorme constituição física não padece de nenhuma enfermidade. Lucas relata em sua genealogia de Jesus que Adão era “filho de Deus”. No seu coração não palpitava nenhum desejo pecaminoso. Ele nasceu para triunfar!

“Adão foi coroado rei no Éden. Foi-lhe dado domínio sobre todos os seres vivos criados por Deus. O Senhor favoreceu Adão e Eva com uma inteligência que não concedera à criação animal.” — *Review and Herald*, 24 de fevereiro de 1874....

Quando os anjos contemplam este santo par — esses dois feitos um para o outro; esses dois (tendo um deles as mais austeras virtudes de Deus, e o outro os mais suaves atributos da Divindade) que se davam as mãos e olhavam um para o outro — os filhos de Deus exultaram de alegria.

“Deus criou o homem para Sua própria glória, para que, após as provas e provações, a família humana pudesse tornar-se uma só com a família celestial. Era desígnio de Deus repovoar o Céu com a família humana, se eles demonstrassem ser obedientes a todas as Suas palavras.... Se ele [Adão] suportasse a prova, sua instrução a seus filhos só teria sido de lealdade. Sua mente e seus pensamentos teriam sido como a mente e os pensamentos de Deus.” — *Comentários de Ellen G. White, SDABC*, vol. 1, pág. 1.082.

Oh, sim! O homem nasceu para triunfar!

Mas a cena se modifica. Uma voz — a

voz do Criador — está dizendo à mulher: “Multiplicarei sobremodo os sofrimentos da tua gravidez; em meio de dores darás à luz filhos.” Gên. 3:16. Adão e Eva estão agora vestidos de trajes de derrota e egoísmo.

Essa mesma voz acaba de dirigir-se ao autor da rebelião: “Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu Descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu Lhe ferirás o calcanhar.” Verso 15.

A voz do Criador, que declarara exultantemente: “Façamos o homem à Nossa imagem, conforme a Nossa semelhança” (Cap. 1:26), dirige-se agora a Adão, em tons suaves. Essa voz está impregnada de um pesar que só pode ser conhecido por alguém que ama divinamente. Diz o relato: (Ler Gên. 3:17-19). Nascidos para triunfar?

Tanta coisa foi perdida tão repentina e completamente! Eles não puderam, naquela ocasião, compreender a tenacidade do amor de Deus. Paulo ainda não escrevera a carta de direitos humanos, a qual diz: “Mas Deus prova o Seu próprio amor para conosco, pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores.” Rom. 5:8.

## O LENÇO DA GRAÇA

Gênesis 3:15 é o S. João 3:16 do Antigo Testamento. Ambos prometem que aquilo que ainda não aconteceu, já é; que o futuro trágico do presente; que a esperança daquilo que será pode trazer paz em virtude do que aconteceu. O cordeiro é morto desde a fundação do mundo. O lenço da graça do calvário enxuga as lágrimas da ignomínia do Éden.

Um anjo de luz fechou a porta do Éden. Adão e Eva teriam de crer agora no triunfo. Isto não seria fácil. Adão viveu até atingir 930 anos de idade. “E durante centenas de anos houve sete gerações vivendo na Terra contemporaneamente.” — *Patriarcas e Profetas*, pág. 80.

O que foi que Adão viu? Houve aquele triste dia de angústia em que ele e a esposa descobriram o corpo ensangüentado de Abel. Sinta o profundo pesar dessa mãe ao

deitar no regaço a cabeça sem vida de seu próprio filho.

Então Caim sai de casa e constrói uma cidade. Adão mal pode presumir que essa cidade daria origem a todas as grandes cidades de nosso tempo...., onde impera a pobreza, o crime, a sensualidade, a cobiça e a injustiça. Ouvi, prezados irmãos, quando Adão e Eva comentam, horrorizados, a imoralidade dos descendentes de Caim. O tetraneto de Caim, Lameque, tomara *duas* esposas, quebrando a aritmética sagrada que disse que dois se tornariam um. E que dizer daquele mês ou ano — teria sido centenas de anos mais tarde? — em que Adão, andando por entre as árvores de enorme altura, talvez tenha tropeçado em dois de seus jovens descendentes que praticavam o ato sexual antes do casamento? Acima de tudo, porém, havia a inevitável lembrança diária de que todo ato de pecado, toda mentira proferida, toda rosa que murchava — oh, sim! toda folha que caía — foram ocasionados pela rebelião dele mesmo e de sua esposa. Nascidos para triunfar? Era difícil acreditar no triunfo.

Adão nasceu para triunfar, mas devido ao câncer da confiança em si mesmo, os seus descendentes nasceram em pecado. A morte e a derrota incidiram sobre todos. Portanto, os filhos de Adão e Eva... se acham debilitados pelo derrotismo. Mas, junto à mesma árvore do conhecimento do bem e do mal, onde o cordeiro da harmonia e paz foi devorado pelo leão da desarmonia e desesperança, implantou-se no homem a inimizade, a hostilidade e o descontentamento com a sua situação.

O perigo da Igreja é rejeitar essa bússola interior — articulada pelo Espírito Santo, que punge a consciência — a qual declara que algo está errado precisamente quando todos estão dizendo que tudo vai bem. É uma atração para a vitória e uma aversão à derrota.

## O MOVIMENTO DE DEUS EM DIREÇÃO AO TRIUNFO

Sete nasceu quando Adão tinha 130 anos. Seu nome significa "designado". Deus começou a manifestar então o Seu movimento em direção ao triunfo final de nossa raça. Diz o relato: "A Sete nasceu-lhe também um filho, ao qual pôs o nome de Enos: daí se começou a invocar o nome do Senhor." Gên. 4:26.

Isto deve ter animado o coração de Adão e Eva.... As grandes verdades ensinadas a Adão e Eva pelos anjos — as verdades da

Criação, da Trindade, do sábado, da lei, do casamento, da mordomia, da temperança, da justiça pela fé na promessa de Deus — não somente eram aceitas por alguns de seus filhos, mas agora, por meio dos descendentes de Sete, estavam sendo ensinadas no culto.

Quando tinha mais de seiscentos anos de idade, Adão ouviu a pregação de Enoque — uma mensagem de otimismo, vitória e triunfo. Num mundo que perdia o apego à verdadeira piedade, num mundo que Paulo descreve como depravado e tão deturpado que os homens esqueciam como ser homens e as mulheres desdenhavam da verdadeira feminilidade — nesse mundo Enoque começou a mudar a maré da derrota para a vitória....

Deus compreende quão enlevante e desorientador pode ser o pecado quando esta Igreja, que tem um aumento de mil membros por dia, repele os danosos efeitos de muitas culturas e variados costumes sociais. Não devemos ficar desesperados se em todo o mundo este evangelho remanescente não é praticado em todos os lugares exatamente do mesmo modo. Essa ferrenha inimizade — essa hostilidade contra o mal — ao ser estimulada, desenvolve o senso de que algo não está certo. Deus nos unirá, mas aí de nós — tanto na América do Sul como na Coréia — quando torcermos o evangelho para satisfazer nossa própria debilidade. Adão nasceu para triunfar, mas os descendentes de Adão nasceram em pecado. Por meio do Descendente de Adão, o Verbo que Se fez carne, podemos novamente ser chamados filhos de Deus, *renascidos* para triunfar.

Adão morreu sem ter obtido a concretização da promessa. Enquanto Adão estava vivo, ninguém podia esquecer que o homem nasceu para triunfar. Menos de quatro gerações após a morte de Adão, só oito seres humanos estavam vivos. As águas estendiam-se sobre os cadáveres dos filhos e filhas da humanidade. Onde está o triunfo, Noé?

Os profetas não podiam guardar silêncio. Jacó disse: "O cetro não se arredará de Judá, nem o bastão de entre seus pés, até que venha Siló; e a Ele obedecerão os povos." Gên. 49:10. Moisés, prevendo o Descendente triunfante, disse: "Suscitar-lhes-ei um profeta do meio de seus irmãos, semelhante a ti, em cuja boca porei as Minhas palavras." Deut. 18:18. Josué teve um vislumbre da natureza triunfante do Descendente da mulher quando ele contemplou o Capitão do exército do Senhor em posição de senti-

do e preparado para o vitorioso ataque contra o inimigo.

Depois do Dilúvio, o homem, em todas as épocas, esforçou-se para acreditar no triunfo. Deus ousou escolher um povo e torná-lo o dispenseiro de Sua Palavra, mas a Sua Palavra não parecia triunfar na vida deles mesmos. Os profetas foram implacáveis em descrever a derrota moral dos filhos e filhas de Adão, bem como positivos e coerentes em declarar o seu triunfo. Muitas vezes os profetas exprimiram seu otimismo em face de acontecimentos e situações tão diametralmente opostos ao triunfo, que davam a impressão de ser bobos.

### O PECADO TORNOU-SE MAIS POPULAR DO QUE A SALVAÇÃO

Como você ousa falar, Isaías, sabendo que no seu tempo o pecado era mais popular do que a salvação? Os governantes se prostravam diante dos ídolos de pedra, metal e madeira. O Templo era abandonado devido a interesses pessoais. Como você ousou escrever estas palavras? (O orador leu Isaías 35:1-10.)

Jeremias está em pé junto à porta do Templo, onde o culto era mais uma formalidade do que algo impregnado do Espírito. Os dirigentes e os crentes em geral preferiam ouvir mentiras a ouvir a verdade... Mas, nesse ambiente, em que predominava a apostasia, e a religião pura e santa era tratada como fanatismo, Jeremias conseguiu dizer: "Eu mesmo recolherei o restante das Minhas ovelhas, de todas as terras para onde as tiver afugentado, e as farei voltar aos seus apriscos; serão fecundas, e se multiplicarão. Levantarei sobre elas pastores que as apascentem, e elas jamais temerão, nem se espantarão; nem uma delas faltará, diz o Senhor. Eis que vêm dias, diz o Senhor, em que levantarei a Davi um Renovo justo; e, rei que é, reinará, e agirá sabiamente, e executará o juízo e a justiça na Terra. Nos Seus dias Judá será salvo, e Israel habitará seguro." Jer. 23:3-6.

Aos dezoito anos de idade, li um livro que começa de maneira bem simples: os dois são indescritivelmente belos e simpáticos.

Sua relação é caracterizada pelo amor e admiração mútua. Mas os dias de felicidade são breves, e no terceiro capítulo do livro aparece um vilão que assume o domínio. No sexto capítulo o par original já está morto, e seus descendentes são corruptos. No nono capítulo só resta um punhado de gente. Quando cheguei ao Êxodo, os descendentes do herói são escravos, e em Números, embora livres, eles são muito ignorantes, e em Josué, deploravelmente incoerentes. No fim de Juízes cada um fazia o que achava mais reto, e quando acabei de ler os livros dos Reis, as pessoas estavam banidas de sua pátria, desesperadamente espalhadas e cativas numa terra estranha.

De repente, senti grande desejo de saber se haveria triunfo. (Eu não tinha lido a Bíblia antes disso.) Fui para a parte final do Livro. Ali havia dragões, bestas, escorpiões, estrelas cadentes e símbolos de toda a espécie. E então eu os vi — eles eram evidentemente descendentes do par original. Estavam vestidos de vestiduras brancas, com palmas nas mãos. Pude ver que tinham coroas de ouro sobre a cabeça, e ouvi também os cânticos. Oh, que cânticos! Continuando a ler esses preciosos capítulos, consegui ver, em minha imaginação, pessoas de pele amarela, escura, vermelha e branca! Elas provinham de muitos lugares. O livro dizia que provinham de toda nação, tribo, língua e povo. E que lugar era aquele em que se encontravam! Havia luz em toda a parte. Todos tinham boa aparência e muita saúde. O Livro afirmava que não haveria mais dor, lágrimas, luto e morte. O Livro apresentava uma grande árvore — a mesma que existira no começo da narrativa. Chamava-se "Árvore da Vida". Eles entoavam um cântico especial. O Livro dizia que haviam lavado as suas vestiduras no sangue do Cordeiro! Em minha imaginação, pude sentir o triunfo!

Retornei à parte do Livro que dizia: "Veio para o que era Seu, e os Seus não O receberam." S. João 1:11. Mas não fiquei preocupado; eu havia consultado os capítulos finais. Sei agora que pelo sangue do Filho de Adão — o Filho de Deus — eu nasci — isto é, renasci — para triunfar!

# Leia e Assine

# Ministério

Uma Revista Para Pastores e Obreiros

## Adventista